

As doze camadas da personalidade humana

E e as formas próprias de sofrimento

Por OLAVO DE CARVALHO

Introdução

A camada é a síntese da personalidade, portanto cada passagem de camada a camada é uma mudança da personalidade inteira, ou seja, o conjunto adquire uma nova forma sem alterar suas partes. Para cada uma dessas mudanças, muda como um todo, e o todo só pode mudar em relação a alguma coisa e essa coisa não pode ser as suas próprias partes, portanto tem que ser em relação a algo que lhe esteja interno, no caso, externo à personalidade, e em relação ao qual esta vai assumir diferentes posições no percurso da vida. Portanto, o valor respectivo das partes começa a mudar e tem que haver algo que muda da valoração desses vários traços independentes, sem mudar de certo modo a estrutura de base, pois esta tem de ficar intacta, como se fosse uma máquina que, permanecendo a mesma, é usada com várias finalidades.

Esse algo em relação ao qual ocorre a mudança da personalidade inteira é um novo objetivo da vida, um novo ponto de concentração focal de todas as energias, durante uma fase em que o indivíduo estará se esforçando para alcançá-lo.

Nessas progressivas passagens de camada a camada, o que muda é o fim, o propósito a que se dirige o todo da personalidade. É um propósito diferente a cada época, e esse propósito em si mesmo nada tem a ver com a estrutura da personalidade, porque ele faz parte de um desenvolvimento ideal do ser humano ao longo da vida; é como se fosse um esquema da vida, ou seja, um esquema do desenvolvimento temporal humano.

É a camada, portanto, que vai dar a finalidade do ato, e este só pode ser explicado através de sua finalidade.

Esta Teoria das Camadas só pode ser entendida em termos de autoconsciência, e cada nova camada é um novo padrão de autoconsciência.

Consciência: Só se entende a consciência se entendê-la como um valor, que é uma possibilidade humana que não se realiza automaticamente; quando se a aceita como um valor e a persegue, busca e deseja - então ela se desenvolve.

As camadas da personalidade correspondem a uma divisão cronológica ou pelo menos a uma escala de evolução ideal, e cada camada abarca toda a personalidade, concretamente.

Toda divisão cronológica não separa partes do ser, mas etapas do tempo e subentende-se que o ser existe concretamente em cada uma dessas etapas; e que, aliás, ele só se concretiza no tempo e no espaço.

As camadas podem ser:

Camadas Integrativas - fecham a personalidade num quadro definido.
São elas: 1 - 2 - 5 - 6 - 8 - 11.

Camadas Divisivas - abrem a personalidade para o ingresso de influências externas, rompendo o equilíbrio anterior e desencadeando a luta por uma nova e superior integração.
São elas: 3 - 4 - 7 - 9 - 10 - 12.

Até a Camada 8, todas estão presentes em todo indivíduo adulto normal, segundo Gaston Berger:

CAMADA 1

Caráter Camada Integrativa. Astrocaracterologia.

O corpo é a precondição para que exista a personalidade; ele é "anterior" à personalidade, já está dado, pronto, no instante do nascimento, ao passo que a personalidade será a resultante do esforço de existencição mediante a absorção progressiva dos elementos.

CAMADA 2

Hereditariedade, constituição, temperamento, estrutura pulsional

Camada Integrativa. Szondi (tipologias em geral)

Este aporte biológico é primeira condição para que o corpo adquira existência real e concreta. Para que este se realize, é necessária a hereditariedade, a constituição, etc. Nesta camada há muitos elementos que, vindos "de fora", ingressam na constituição pessoal, favorecendo ou obstando sua realização.

A camada 2 engloba toda a hereditariedade, tal como revelada pelo teste de Szondi. Um recém-nascido só pode sofrer ou do impacto de condições físicas externas adversas ou de tendências mórbidas de sua própria hereditariedade.

CAMADA 3

Cognição, percepção

Camada Divisiva. Piaget, Kholer, Gestalt em geral, behaviorismo, Festinger; psicologia da linguagem.

Todas essas escolas acima se dedicaram a descrever o processo cognitivo, sua evolução e suas várias etapas. É evidente que o processo cognitivo é esquematicamente o mesmo em todos os seres humanos, mas, sendo bastante complexo, ele introduz um elemento de variação no quadro delimitado pela hereditariedade. O que o indivíduo virá a aprender, e como, é algo que depende em parte da hereditariedade, em parte do meio ambiente, em parte da livre vontade do indivíduo e em parte da lógica inerente ao processo cognitivo mesmo, a qual é uma coisa totalmente independente da hereditariedade individual.

Quando o indivíduo penetra nesta camada, está se introduzindo um elemento de liberdade e de indeterminação no quadro anteriormente delimitado pela hereditariedade: nem todas as pessoas com as mesmas características hereditárias recebem as mesmas informações. A história do desenvolvimento cognitivo do indivíduo deve ser contada independentemente da hereditariedade, pois esta não determina as oportunidades de aprendizado nem é onipotente ao determinar a capacidade de absorção.

O momento em que se inicia o processo de aprendizado pode ser ocasião de erros, fracassos, mal-entendidos e humilhações. Entre dois e sete anos de idade, a criança faz um esforço de aprendizado gigantesco, querendo continuamente aprender, não necessariamente o que os adultos querem ensinar, mas algo que a interessa. Isto significa que conseguir - ou não - compreender e dominar um assunto é, nessa época, muito importante para a criança.

As dificuldades inerentes ao aprendizado aparecem desde cedo, quando a criança aprende a andar, a falar, e sofre quando fracassa.

A camada 3 representa os acontecimentos do cotidiano e possui um ritmo rápido. Os sofrimentos da camada 3 são relativos ao processo de aprendizado, tal como um exercício que pode cansar ou irritar. Esta camada indica a aquisição de um domínio sobre a linguagem, sobre as significações do meio no qual se vive.

O motivo de sofrimento referente à camada 3 é da ordem do fracasso ou sucesso; é um desajuste entre a criança e ela mesma, entre o que ela pretende e o que de fato consegue fazer. Esse tipo de fracasso não deixa traumas, porque dura pouco tempo e a própria evolução do indivíduo supera isso.

CAMADA 4

História pulsional e afetiva Camada Divisiva.

Freud, Klein, psicanálise em geral.

O padrão afetivo do indivíduo tem uma história, ele provém das experiências vividas, que cristalizam aos poucos determinadas reações, originando o "caráter" tal como o entende Freud, que é como uma resultante da história vivida, que canaliza os impulsos nesta ou naquela direção até consolidar um circuito são ou neurótico que tende a repetir-se.

Essa história pulsional e afetiva também pode ser estudada independentemente do caráter, da hereditariedade e da história cognitiva - mas é evidente que, para conhecermos a personalidade real e integral deveremos ir aos poucos inserindo cada camada na seguinte, conforme a ordem cronológica de sua entrada em cena.

À medida que o tempo passa, surge a questão da felicidade e infelicidade, que não surge mais cedo porque, de certo modo, é normal que o homem seja feliz. Para que uma criança manifeste uma infelicidade profunda, e comece a lutar pela felicidade, é preciso que algo tenha lhe causado tristeza.

A quarta camada entra em cena muito depois da terceira. A idéia de que gostam dela ou não demora para ser formada, pois requer experiências repetidas ou alguma experiência fundamental que se torne marcante.

Esta última se identifica com a biografia do indivíduo e possui um ritmo mais lento que o da camada 3. Mesmo que uma criança disponha de todas as possibilidades para ter uma camada 4 bem resolvida, ainda assim ela pode sofrer por assuntos da camada 3. Uma inaptidão física para alguma finalidade, por exemplo, pode gerar enorme sofrimento, mesmo que o ambiente afetivo da criança seja ótimo.

O sofrimento da camada 4 surge quando a criança descobre se é feliz ou não. Isso só é possível se houver experiências e frustrações repetidas que a levem a se sentir amada ou rejeitada. Os acontecimentos aqui representam ciclos extensos de vida, que demoram para se formar. Ultrapassada a infância, tais acontecimentos moldam um padrão afetivo que irá marcar o restante de uma vida.

O desenvolvimento até a camada 4 é quase inevitável, exceto no caso do indivíduo retardado mental, que não dispõe de compreensão suficiente para ter uma relação afetiva. Ele possui uma afetividade, porém, latente, o que significa que o retardado mental desconhece o senso de rejeição de uma criança normal. Se ele for tratado como um cachorro, talvez nem perceba que há algo errado nisso. Se não houve uma camada 3 bem desenvolvida, a camada 4 não se realiza. Todos os indivíduos que não são retardados alcançam a camada 4. São pessoas

que nunca se colocam em teste, pois fogem aos desafios. São os tímidos, os dependentes, que não querem vencer, que só querem ser amados. Na verdade, esses indivíduos não precisam de amor, como imaginam, e sim de dificuldades para que possam começar a ter respeito por si mesmos.

Na história afetiva dos indivíduos, ocorre sistematicamente um descompasso entre a necessidade real e a necessidade alegada, o que é consequência de uma discrepância entre as camadas dois e três, ou seja, entre os impulsos e a disponibilidade de meios de comunicação. Se acontece de um sujeito ter presente uma necessidade não expressa e não atendida, isto pode resultar, ao longo do tempo, que tal necessidade venha a ser substituída por outra, esta, sim, conhecida. Isto gera um equívoco que é regra geral na vida de todos os seres humanos, que chegam na maturidade com inúmeras necessidades esquecidas. Estas podem ser satisfeitas de forma simbólica, o que evidentemente não funciona, pois seria o mesmo que saciar a fome de alguém, mas deixá-lo com sede.

A solicitação afetiva é tanto maior quanto menos o sujeito tenha ingressado na camada seguinte. Ele acredita que necessita de muito amor, de muito afeto, e não age em seu próprio benefício a não ser com o apoio alheio.

Nesta camada, o indivíduo se coloca como alguém muito especial, que tem direito a praticamente tudo. Se a demanda de afeto continua pela vida afora isto significa que a camada não foi resolvida. Se o problema se localiza na esfera da carência afetiva infantil, há necessidade de psicoterapia. Sofrimento de camada 4 não se resolve sem ajuda especializada, pois é preciso fazer o indivíduo voltar a sentir emoções infantis que não são encaixáveis no quadro da existência adulta. Dentro de uma psicoterapia se pode revelar necessidades infantis que serão trabalhadas de alguma maneira. As exigências de camada 4 não podem ser atendidas no curso normal da vida adulta, requerendo portanto a criação de uma situação artificial que isola o indivíduo da realidade e, de certo modo, o devolve ao estágio infantil. Se o sujeito não passa para a camada seguinte (5) antes da idade madura vai necessitar de psicoterapia.

Carência afetiva só é considerada normal em um meio doente. Segundo o INPS, 10% da população brasileira são doentes mentais. Porém, o normal não pode ser determinado por estatística, mas tem que estar de acordo com as exigências do contato real individual. É a resposta a uma necessidade que marca a normalidade e é esta necessidade que impõe um padrão de julgamento. Por exemplo, é normal que um animal possa fazer tudo aquilo que seja necessário à sua sobrevivência, pois ele é dotado pela natureza de meios para isto.

Normalidade é um conceito intuitivo, que se refere a algo que está funcionando e não reparamos. Nas relações humanas é quase impossível alcançar esse nível de normalidade. O normal seria satisfazer as várias necessidades com o mínimo de atrito ou dificuldade. Os profissionais da Psicologia, Pedagogia, Astrologia, têm uma enorme responsabilidade nessa questão, pois não podem aceitar um padrão de sanidade tão baixo como o do brasileiro.

O indivíduo que não passou da camada 4 requer uma psicoterapia, porque as necessidades desta camada não podem ser atendidas num adulto na situação normal da vida. A demanda de atenção de um sujeito de camada 4 é imensa, sendo preciso montar um ambiente terapêutico específico para isto.

CAMADA 5

Ego, autoconsciência e individuação

Camada Integrativa. Jung.

Toda a psicologia de Jung nada mais é do que uma psicologia do ego e da autoconsciência; é apenas uma resposta à pergunta: “Como me apreendo como indivíduo autoconsciente e como esta autoconsciência se desenvolve desde as trevas da ignorância até a apreensão dos arquétipos que determinam sua forma individual e seu destino”?

Quando na adolescência, o sujeito começa a delimitar o seu espaço vital, ele não pode fazer isso se não tiver consciência de si como entidade autônoma. Uma criança imagina ter poderes que na realidade não tem, atribuindo também a si os poderes do pai e da mãe. Ela não delimita o espaço vital próprio e, portanto, aglomera as pessoas em torno e dentro de um espaço vital comum.

Ao atingir a adolescência, o indivíduo compreende que é autônomo, que deve resolver seus problemas sozinho. Ele percebe que não basta ser amado, que precisa desenvolver seu poder pessoal.

O sentimento de desejar algo e não ter o poder pessoal de conquistá-lo é muito diferente do sentimento de ser amado ou rejeitado. Mesmo que o sujeito fosse amado, isto não resolveria absolutamente nada. Sofrer por rejeição é diferente de sofrer por não ter poder.

A transição da camada 4 para a camada 5 ocorre quando o mais importante para o indivíduo já não é se sentir amado, mas sim conseguir algo com suas próprias forças. No momento em que muda esta chave, muda também a camada. Na camada 5 o sujeito se satisfaz tão logo demonstre seu poder, ainda que isto se realize numa esfera de atividade completamente inútil. Uma pessoa de camada 5 julga tudo em função de si mesma, não reparando em nada que esteja fora ou além dela.

Na camada 5 a fonte de sofrimento é um autojulgamento depreciativo, não no sentido moral, mas da capacidade pessoal; é uma autodecepção. O único modo de se ajudar um indivíduo centrado na camada 5 é psicológico, porque qualquer ajuda material que se ofereça pode contribuir ainda mais para o julgamento negativo que faz dele mesmo.

Passar para a camada 5 é problemático, porque esta camada expressa uma vontade de ser alguém, de testar a própria força, e um grande número de pessoas não chega a fazer isto, preferindo restringir voluntariamente o seu espaço vital e buscar satisfações apenas na camada 4. Na camada 5 o indivíduo já adquiriu autoconfiança e, embora não saiba fazer nada, sabe que tem um potencial a desenvolver. Ele pode enfrentar a vida, mas o que ele enfrenta no momento ainda não é a vida real, é apenas a sua auto-imagem. Não é normal um adolescente exigir muito afeto. Ao contrário, é normal até ele rejeitar afeto, desejar ser solitário, aventureiro. Um adolescente não quer "amor", quer vencer, sentir que vale alguma coisa para si mesmo. Constatamos que um indivíduo passou para a camada 5 quando sua auto-satisfação é suficiente para fazer com que, mesmo sozinho, ele fique mais ou menos feliz (não o tempo todo evidentemente).

Na camada 5 não se trata de um problema afetivo, e sim de experimentar o próprio poder. É bastante comum as pessoas não saberem que têm poder; portanto, ignoram as conseqüências de seus atos, pensando que são as únicas que sofrem. Se uma taxa significativa da população conseguisse entrar na camada 5 já seria ótimo, pois é melhor ter uma população de jovens arrogantes que não sabem fazer nada do que uma população de coitadinhos. O jovem arrogante pode, pelo menos, vir a aprender alguma coisa algum dia, mas o coitadinho não.

No caso da demanda da camada 5 podemos considerar o que queríamos fazer para nos testar na adolescência. Tudo de importante que não foi feito por timidez ou medo, prende o sujeito na camada 5, pois é um sinal de que ele não possui aquele poder.

No entanto, é fundamental detectar quando o problema é entre o sujeito e o mundo, ou entre ele e ele mesmo. Derrotado pelo mundo qualquer um pode ser, mas isto é muito diferente de restringir o próprio espaço vital. Provar para si o seu valor é essencial numa certa época da vida de qualquer indivíduo. Se isso não for feito na adolescência, vai ter que ser feito mais tarde. Por outro lado, a insistência na demonstração de poder pessoal revela que a camada 5 ainda não foi superada. A auto-afirmação deve ser vivida na adolescência, porque a maturidade começa no ponto onde o que conta é o resultado efetivo.

CAMADA 6

Aptidão e vocação

Camada Integrativa. Ungricht, Cyrill Burt, Eysenck.

Pode-se distinguir entre aptidões, que seriam mais ou menos inatas, e capacidades, que seriam mais ou menos adquiridas. No entanto, não faz sentido estudarmos esta questão antes de termos uma visão suficiente da psicologia do ego, pois aptidão é o domínio consciente de alguma coisa. A aptidão latente ou se transforma em capacidade pela filtragem do ego, ou dela você nunca toma conhecimento. A aptidão é o conjunto dos meios intelectuais, técnicos, etc., de que o indivíduo dispõe para realizar seu caráter, e esses meios em parte dependem dele mesmo, em parte são dados pelo meio ambiente. Uma coisa é estudar a relação entre caráter e hereditariedade, caráter e desenvolvimento cognitivo, e caráter e aptidão. Alguém com uma hereditariedade propícia pode não chegar a ter a capacidade porque faltou em seu meio a oportunidade de adquiri-la.

Na passagem para a camada 6 a afirmação do poder pessoal é abandonada em favor da obtenção de um resultado efetivo. Na camada 6 o que interessa não é a demonstração de poder pessoal, mas a consecução de algo objetivo, como trabalhar e receber um salário. Isto é consequência de um desvio de eixo de valor, que se transfere do sujeito para o objeto.

Um sujeito que trabalha e recebe um salário não provoca uma alteração nele próprio, mas fora dele, a qual retorna não apenas sob a forma de uma satisfação subjetiva, como na camada 5, e sim sob a forma de um resultado objetivo.

Saber algo concreto, não somente saber fazer, mas estar fazendo costumeiramente, ter um domínio efetivo de alguma coisa, mesmo que seja pequena, é a base de qualquer visão objetiva. Enquanto o sujeito não vive isso, ele continua "em teste", porque está permanentemente se olhando como medida de aferição do mundo, ao passo que na camada 6 o mundo real se torna a medida do indivíduo.

Se não acontece a aquisição de uma habilidade específica que permita ao indivíduo agir objetivamente, ele se verá sempre como centro de tudo. É fácil perceber a diferença que existe entre a pessoa que tem domínio sobre algo e a que não tem. Na execução de uma tarefa, a primeira se entrega de corpo e alma, enquanto a outra fica se observando, numa espécie de espelho retrovisor, avaliando narcisisticamente o próprio desempenho.

É evidente que a plena capacidade individual é obtida somente quando o problema da auto-avaliação narcisista não está mais em jogo. O que agora interessa ao sujeito é realizar algo objetivo, e não apenas sentir-se capaz.

Nesta camada o indivíduo se esforça para manter ou alterar a organização de sua vida, visando prioritariamente interesses e necessidades pessoais. Tal atitude pode criar um conflito com o papel social que o indivíduo ocupa, revelando sua incapacidade de corresponder a esse papel.

Na camada 6, a fonte de sofrimento é um prejuízo objetivo, pois havia a pretensão de um resultado que se frustrou; é um dano, não de ordem psicológica mas real, muito embora o indivíduo da camada 5 considere seu dano tão real quanto o do indivíduo que não tem dinheiro para pagar o aluguel. Mas se alguém ajuda a resolver o seu problema, ele fica satisfeito, pois não se considera mais em teste.

CAMADA 7

Situações e papéis sociais

Camada Divisiva. Adler, Honey e a escola culturalista em geral; psicologia da comunicação.

O mesmo indivíduo tem vários sub-egos ou subconstelações da personalidade conforme os seus vários papéis sociais exercidos. Temos que distinguir as várias situações que o indivíduo vivencia, quais são os vários papéis, as diferentes subpersonalidades que cria para se adaptar a essas situações, para não confundir meros papéis sociais com traços de personalidade ou de caráter.

A conquista do poder de fazer algo em particular e de defender nunca abrange a totalidade da existência. Somos capazes de fazer algumas coisas, mas não a maioria delas. Precisamos dos outros e assim desenvolvemos, ao longo do tempo, um papel social que representa o conjunto de expectativas que temos das realizações dos outros às nossas ações, e vice-versa. Trata-se portanto de um conjunto de reciprocidades.

O papel social abrevia a comunicação com as pessoas em torno, por exemplo, numa situação profissional, e também facilita a comunicação dentro de uma linha predeterminada, para isso excluindo uma série de outras. Muitos comportamentos que seriam humanamente possíveis ficam ausentes de um papel social específico. Como o papel social estabelece expectativas constantes sobre o comportamento, ele coloca a ação individual em um quadro de reciprocidades. Isto se refere não somente aos papéis profissionais, mas igualmente aos papéis familiares.

O papel social legitima pretensões e permite respostas automatizadas, de acordo com a sua natureza. Porém, isto exige uma limitação. Se um indivíduo que ocupa um papel passa a agir repetidamente fora dele, os outros ficam confusos, o que vai comprometer o sistema de respostas automáticas.

Reconhecemos que alguém incorporou um papel social somente quando as exigências desse papel são aceitas e assimiladas plenamente como fonte de motivação. A partir daí, a organização da vida pessoal é feita considerando-se as expectativas dos outros. O objetivo não é mais atender apenas as conveniências do indivíduo, mas sim aprimorar o seu papel social.

Muitas vezes a definição de um papel se torna difícil, como por exemplo, os papéis de pai e de mãe perante os filhos. As pessoas em geral não têm claro o que é a estrutura familiar e portanto não entendem que os papéis de pai e mãe são primordialmente biológicos, isto é, o filho é um ser indefeso e os pais seus defensores. Nesse sentido, os pais dispõem de autoridade absoluta nos pontos essenciais para a defesa da criança. Se os papéis se misturam, e a mãe interfere em assuntos que não são de mãe e o pai interfere em assuntos que não são de pai, a criança termina desorientada.

Atualmente, todos os papéis estão confusos, de pai, mãe, filho, marido, mulher, etc. Quando uma sociedade não distingue os papéis dos indivíduos, as relações entre eles vão se mostrar problemáticas, porque sempre será preciso explicações, sempre surgirão expectativas falsas, decepções, conflitos.

A convivência humana é marcada por uma distribuição de papéis, por expectativas mútuas e por um sistema de legitimidades, de direitos e deveres recíprocos, cujo sentido correto indica que a cada direito equivale um dever alheio. Proclamar um direito, para um indivíduo ou para um grupo, é atribuir um dever recíproco a um outro indivíduo ou a um outro grupo. A promulgação de um direito traz, assim, implicitamente um dever. Em todas as relações humanas existe um sistema de expectativas mútuas, no qual a cada dever de um cabe um direito ao outro, e a cada direito de um incumbe um dever de outro. A confusão dos papéis sociais ocorre quando a expectativa de direito de um não corresponde a deveres do outro, e vice-versa.

Após a conquista da habilidade, ou seja, do poder de se defender, que resulta da hierarquização seletiva, o exercício de um papel social representa a sétima camada na construção da personalidade. A conquista de um poder efetivo, que se experimenta na camada 6, pode ou não se converter num papel social. Os papéis sociais são delineados de maneira implícita, pois eles se baseiam e se consolidam no costume. Aquilo que sou capaz de fazer, se eu fizer costumeiramente, as pessoas vão notar que eu faço e acabarão criando um sistema de expectativas em torno daquilo.

O casamento é um protótipo do papel social, e é o mais problemático de todos. O Dr. J.A. Müller afirmava que em geral o casamento atende a uma constelação de necessidades muito diferentes entre si, que poderíamos relacionar com as camadas da personalidade. Em primeiro lugar, a atração física mútua, que não ocorre entre quaisquer pessoas, pois tem um fundo hereditário marcante, e o teste de Szondi é revelador neste sentido. Entretanto, esse dado não basta, pois duas pessoas podem sentir uma atração mútua, mas terem linguagens diferentes, culturas desiguais. Além disso, devem suprir as necessidades afetivas nascidas das respectivas histórias pessoais. Por exemplo, o padrão de relacionamento entre um homem e sua mãe, e entre uma mulher e seu pai, pode determinar, positiva ou negativamente, a necessidade afetiva a ser atendida. Do mesmo modo, os respectivos espaços vitais e as possibilidades reais de ação devem ser coeridos de alguma maneira.

Como o papel social de marido e mulher tem que responder a uma constelação de motivos que se originam em várias camadas da personalidade, é desnecessário dizer que o casamento representa o setor de maior defasagem dos papéis sociais. É muito difícil preencher tantas exigências, mais ainda quando a própria sociedade é obscura na distribuição dos papéis sociais. Por outro lado, a correta definição do papel social no casamento, que abrange a totalidade da vida de uma pessoa, requer o conhecimento de necessidades e solicitações sublimadas, pertinentes à camada 4.

A definição do papel social se completa no casamento, que é um sistema de compromissos que abarca a totalidade do indivíduo, enquanto que os demais papéis sociais solicitam dele apenas uma parcela. Em geral, os papéis sociais são limitados a uma linha de ação e participação, exceto o casamento. Até mesmo a relação entre pais e filhos requer somente alguns aspectos do indivíduo, mas o casamento engloba tudo. Constatamos também que determinadas empresas exigem quase que um casamento das pessoas que nelas trabalham.

Quando um sujeito assume um papel social, isto significa que ele nasceu, teve tendências hereditárias, passou por um aprendizado, vivenciou uma história e conquistou seu espaço vital, onde selecionou certas áreas sobre as quais adquiriu um poder específico que lhe permite desempenhar um papel social e ser reconhecido através dele. Assim podemos delinear uma vida. No entanto, o indivíduo pode ter atuado de maneira equivocada, não atendendo às responsabilidades normais de sua posição.

Quando alguém não assume o papel social que lhe cabe, comporta-se tal como um ator que entrou no palco errado. Isso ocorre com enorme frequência e transforma o sistema de direitos e deveres em fonte de inúmeras frustrações.

No processo de construção da personalidade, a conquista de um papel social definido, mesmo que insignificante, torna o sujeito consciente do que está fazendo, permitindo-lhe inclusive saber qual a sua insatisfação com aquilo.

Os sofrimentos da camada 7 são relativos ao não cumprimento de expectativas mútuas. Qualquer pessoa, ao adquirir um papel social, espera ser aceita e rejeitada, e que os outros ajam de acordo com a legalidade de sua posição. Se isso não ocorre, ou se o sujeito não corresponde ao papel que lhe cabe, criam-se então duas fontes de sofrimento. A primeira pelo fato de se estar socialmente desorientado, e neste caso não houve entrada na camada 7; e a segunda porque apesar de ter segurança sobre o lugar que ocupa, o indivíduo não encontra reciprocidade nos outros.

A inibição é intolerável no adulto, sob qualquer aspecto. Se a rejeição em colaborar é proveniente disto, o sujeito está impedido de atingir a camada 7, e portanto não poderá participar das atividades humanas. A inibição é um severo limite imposto à utilidade social da pessoa. Temos que estar prontos para tudo que uma situação exige, temos que ser socialmente úteis para realizar a camada 7. Quando mostramos interesse em ajudar é que podemos nos tornar alguém socialmente, sermos reconhecidos como membros da sociedade. Este é o prêmio da camada 7: ser aceito socialmente e considerado como igual pelos demais indivíduos.

A defesa do papel social, da respeitabilidade social, é um elemento importante da camada 7, ou seja, cumprirmos o que é esperado de nós. O sujeito que já está na camada 7 quer permanecer no lugar conquistado e ser reconhecido como membro do meio social. Desse modo, ele deve proceder a todos os atos necessários para o desempenho do seu papel. Se falhar, isto significa que ele recusa aquele papel e, querendo outro, não pode ocupar espaço indevidamente.

A camada 7 implica um desejo de aceitação; deseja-se ser respeitado, aceito e até amado, mas apenas como todo mundo. Aqui se trata de reivindicar a cota pessoal dentro de uma divisão medianamente igualitária, sabendo que ninguém obterá mais do que isto. Falhar no desempenho do papel social é um motivo de sofrimento para o indivíduo que realmente está na camada 7, porque neste caso ele tem consciência de que não esteve à altura do seu dever.

O conceito de dever é fundamental na camada 7. É normal para quem alcançou esta camada entender que o cumprimento de um dever é uma manifestação de amor. Por exemplo, um pai que trabalha para sustentar o filho, faz isto por amor ou por dever? É exatamente o mesmo, ou seja, é um dever determinado por amor, e mais nada.

O cumprimento do dever é uma manifestação de amor pelos semelhantes. Em geral, as pessoas não pensam nesse aspecto afetivo do dever: se deixarmos de fazer algo, vamos prejudicar um outro, que ficará infeliz.

A ênfase no conceito do amor de camada 4, que é um conceito muito primitivo, não ajuda as pessoas a se tornarem adultas e responsáveis. O amor não é um sentimento. Quando amamos alguém, surgem todos os sentimentos possíveis na convivência. Basta isto para percebermos que o amor não é um sentimento. Amor é uma atitude de fomento da existência do outro. É propiciar o fortalecimento do outro. Entretanto, frequentemente as pessoas não querem exercer o amor, mas apenas senti-lo, o que é um sinal de imaturidade, de perspectiva infantil, doentia. Devemos compreender que uma atitude de amor exige satisfação na renúncia, em abdicar de algo em benefício do outro. Em

suma, é limitar o próprio espaço em favor do outro e gostar de fazer isso.

CAMADA 8

Síntese Individual

Camada Integrativa. Le Senne, Berger. Síntese individual provisória em cada etapa de desenvolvimento, isto é, "perfil caracterológico" no sentido de Le Senne e Berger.

Se entendemos caráter não apenas no sentido das três primeiras colunas, mas como uma das nove colunas do teste de Berger, podemos dizer que ele é uma somatória, uma síntese individual, que num dado momento fornece um retrato do indivíduo tal como ele está. Nesse ponto, chegamos à noção de uma personalidade global pela primeira vez. Mas a personalidade não termina aqui - termina aqui apenas para a média dos seres humanos, mas há pessoas que têm outras faixas da personalidade que não podem ser abarcadas pelos estudos descritos até o momento. Essas pessoas têm um algo mais que as destaca.

A partir da sétima camada, nos deparamos com uma personalidade completa, quando então o indivíduo, após ter conquistado um papel social definido, pode retroativamente olhar a trajetória de sua vida e fazer uma avaliação.

É no momento dessa somatória que o sujeito alcança um grau de estabilidade nas suas tendências, o que propicia um resultado mais ou menos permanente no teste de Le Senne. Esse conjunto estabilizado das tendências individuais é o que Le Senne denomina caráter. Para a astrocaracterologia, o caráter no sentido da camada I tem outra conceituação. A mesma palavra adquire um sentido diferente quando referida à camada 8. Segundo Le Senne, o caráter consiste na estabilização das tendências que marcam a individualidade, não apenas fisicamente mas abarcando também o papel social, as capacidades, o espaço vital, a história pessoal, etc. A totalidade dessas tendências se torna estável na maturidade, sobretudo no tocante às tendências de base. O teste de Le Senne aplicado prematuramente pode apresentar um resultado variável em função de acontecimentos, modificando o quadro das tendências.

No instante em que o indivíduo define seu papel social é que surge propriamente o caráter, no sentido que lhe atribui Le Senne. A personalidade adulta, bem ou mal formada, é a expressão da oitava camada.

Uma vez assumido o papel social, a experiência repetida, o hábito, vai ajudando na consolidação das tendências de base. De todas as tendências herdadas, algumas se manifestaram, enquanto outras foram neutralizadas. Mesmo que essas tendências tenham sido enfatizadas, dissolvidas, ou ainda simplesmente esquecidas, isso persiste numa espécie de ebulição até a conquista de um papel social.

Nesse momento ocorre uma estabilização das tendências, de tal modo que se o indivíduo for retirado do seu papel social, essas tendências subsistirão. É a isso que Le Senne chama caráter: o conjunto das tendências estabilizadas na idade adulta, portanto após uma assimilação dos papéis sociais permanentes.

Quando se atinge a camada 7, isto é, quando a pessoa adquire um papel social, ela também define suas tendências, suas inclinações. Várias pessoas podem ter um papel social similar, mas para cumprir as exigências dele decorrentes cada uma responde de uma determinada forma, que se torna estável ao longo do tempo.

Le Senne afirma que os traços de base dificilmente mudam. Porém, ele acrescentou outros traços, como por exemplo, uma inteligência que pode ser dispersa ou concentrada, no sentido de abranger uma multiplicidade de dados simultaneamente ou de captar uma linha

especializada de raciocínio. Isso consiste numa reação do indivíduo a alguma solicitação do mundo externo.

Os termos "concentrada" e "dispersa" não são usados no sentido patológico, quando o sujeito é incapaz de prestar atenção, mas no sentido do conteúdo daquilo em que ele presta atenção: se é todo um horizonte de dados heterogêneos ou, ao contrário, é em algo específico. Disperso não significa distraído, mas sim que o espectro de informação é amplo. O sujeito concentrado, no sentido de Le Senne, pode ser distraído no sentido patológico e vice-versa.

A estabilização das tendências individuais coincide com a incorporação de um papel social, que atua como catalisador. O papel social concentra um conjunto de exigências dentro de um sistema de regras de convivência com pessoas, com as quais se tem uma expectativa recíproca e pressuposta, pois implica ações e reações costumeiras que criam um comportamento padronizado. Uma eventual falha no atendimento da expectativa indicaria uma anormalidade, ao passo que a realização habitual dessa mesma expectativa não é sequer notada.

Os papéis sociais representam um sistema de expectativas costumeiras, que compõem o quadro de uma convivência legal, de modo que não se pode admitir o descumprimento de uma expectativa.

Enquanto não se tem essa expectativa, quase que inconsciente, não é possível estabilizar tendências, porque o sujeito é obrigado a tomar muito mais decisões do que aquele que já possui um papel social definido. A própria mudança de papel social requer adaptações sucessivas, que impedem a consolidação das tendências.

Não há como, senão pelo hábito, fixar tendências. É por isso que o teste de Le Senne apresenta resultados diferentes conforme a idade e que somente se mostram estáveis na maturidade. O caráter para Le Senne não é inato e sim produto de uma evolução que se estabiliza, semelhante ao crescimento orgânico.

Desde que o sujeito nasce até se tornar adulto, seu organismo sofre alterações, que depois se estabilizam. Se na evolução física há mudanças e depois de uma certa idade não se muda mais, ou muda-se numa velocidade menor, igualmente na construção da personalidade há mudanças até um certo momento. Daí em diante, em condições normais, essas mudanças cessam.

Quando o indivíduo atinge esse ponto, mesmo que troque de papel social, o caráter não se modifica mais, porque já adquiriu autonomia. Podemos, então, constatar um modo próprio de agir que se consolidou. É aí que se percebe que o indivíduo tem uma personalidade formada, que não basta ele mudar de emprego ou de cidade para mudar também de caráter. Após os trinta anos ninguém pode continuar sendo tão influenciável, e quando isto acontece é porque evidentemente foi mal realizada uma camada anterior.

O papel social favorece a consolidação das várias tendências subjetivas. No entanto, a partir de uma determinada etapa da vida, tais tendências não dependem mais do papel social, de maneira que, mesmo retirado do papel social, o sujeito permanece intacto. Caso isso não ocorra é porque não existe ainda uma personalidade completa.

O sofrimento pertinente à camada 8 é o sofrimento do sujeito com ele mesmo. É típico do indivíduo maduro que, tendo percorrido todas as camadas até conquistar um papel social e tudo o que este pode proporcionar, termina por se perguntar: "o que eu fiz da minha vida?"

Supondo-se que uma pessoa tenha realmente obtido o que desejava, ainda assim ela pode revelar uma insatisfação consigo mesma. Para isto é necessário olhar a própria vida como um conjunto. O que está sendo questionado não é somente o papel social, o espaço vital, a história

afetiva, mas o curso inteiro de uma existência. Em geral, as pessoas desconhecem este tipo de sofrimento até chegar aos 40 anos.

A capacidade de julgar a vida como uma totalidade, sem culpar ninguém, é assunto da camada 8. Aí se dá o confronto com o destino. O sujeito já está individualizado, definido, sabe que sua personalidade e sua vida compõem um todo distinto, sabe que é autor de seus atos e que foram suas as escolhas que fez, tenham sido certas ou erradas.

Uma pessoa que acabou de conquistar o seu papel, sendo aceito e respeitado no exercício dele, de repente vê um colega largando tudo porque entrou numa crise de consciência. Como se poderia avaliar isso? Como distinguir o sujeito que está numa autêntica crise evolutiva e o que ficou maluco?

Em condições normais, o homem que está numa crise evolutiva não perde o papel social, mas apenas se posiciona em outro plano. Quando o sujeito renuncia a um papel social para buscar algo que faça mais sentido para ele, os outros que têm um papel igual em geral o estranham. Uma mudança no auge de uma carreira pode significar que o indivíduo tenha chegado ao limite das possibilidades oferecidas pela sua profissão. Porém, essa mudança não é necessariamente profissional, é uma mudança de orientação. É mudar para mais e não para menos.

CAMADA 9

Personalidade Intelectual

Camada Divisiva. Pradines, Bergson, Koestler, neurística.

Personalidade Intelectual, superior; gênio; criação artística, estilo, etc.; "personalidade poética" no sentido de Croce, em oposição à "personalidade empírica".

Todo o mencionado até aqui é a personalidade empírica, a personalidade que o sujeito tem de fato, no decorrer de sua experiência. Começamos a poder falar em obra e em personalidade a partir do momento em que esta personalidade empírica recebe uma valoração consciente em algum dos seus aspectos, ou seja, onde o indivíduo percebe que alguns elementos de sua personalidade podem conter a afirmação de certos valores universais e passa a se dedicar a realizar esses aspectos em particular.

A isso chamamos personalidade intelectual superior, e nem todo mundo a tem. Você tem a partir do momento em que quer e que procura desenvolvê-la. A natureza leva o homem até certo ponto, cria nele determinados órgãos, mas há outros que é o homem mesmo que "inventa".

Existe um "órgão" num Balzac ou Beethoven que não existe nas outras pessoas e que é o que Croce chama de personalidade poética - é o aspecto criativo da personalidade, o qual, provindo da personalidade empírica, por vezes a engloba totalmente, tanto que os traços desta acabam sendo neutralizados.

A partir do nível de conscientização representado pela camada 8, pode surgir uma nona camada, que na quase totalidade dos seres humanos não surge. O normal é atingir a oitava camada e as demais ficarem apenas como potências.

Em princípio, qualquer ser humano tem potencial para prosseguir até a última camada, mas dependendo da vontade, do meio social e de outros fatores, nem todos efetivam a camada 8, muitos nem a 7, e outros sequer a 6 ou a 5.

Na evolução normal do ser humano, é possível atingir até a camada 8. É nela que o indivíduo experimenta uma personalidade completa, podendo ver sua vida como um todo, contar sua própria história e, de certo modo, julgá-la. A partir daí pode se desenvolver a camada 9, a qual denominamos personalidade intelectual.

A personalidade intelectual começa no instante em que a chave do comportamento do sujeito é a realização de determinados fins da sociedade e da cultura humana. Isso se situa para além da personalidade, no sentido corriqueiro do termo. A personalidade intelectual é, portanto, um aspecto que ultrapassa a própria personalidade, embora não se expresse necessariamente numa atividade dita cultural.

O indivíduo conquista uma personalidade intelectual quando a solução de um problema, teórico ou prático, que se coloque à sua inteligência, seja para ele mais importante do que a sua própria personalidade. É algo a mais a que o sujeito se dedica por lhe parecer relevante e que não está vinculado a um papel social específico. Se este algo a mais se torna o centro da vida do sujeito, então ele tem uma personalidade intelectual, que procura servir prioritariamente aos interesses da sociedade e da cultura.

No entanto, é perfeitamente possível o indivíduo estar envolvido com questões que transcendem a sua esfera pessoal e não ter personalidade intelectual nenhuma, mas estar simplesmente atendendo necessidades de camadas inferiores. Por exemplo, qualquer ministro de estado, que não tenha resolvido de modo original um problema enfrentado, não possui uma personalidade intelectual, no máximo alcançou a camada 7. Se ele apenas cumpre burocraticamente o que se espera do seu papel social, está na camada 7.

O fundamental para a camada 7 seria corresponder às atribuições de um cargo, enquanto que para a camada 8 bastaria a satisfação de ter realizado algo no qual veja sentido. Porém, se o indivíduo desenvolveu uma personalidade intelectual, isso jamais bastará. O que importa é se dentro do papel social que exerceu, o sujeito se limitou às exigências dele decorrentes ou fez algo a mais do que estava obrigado a fazer. A diferença aqui reside na ação.

A personalidade intelectual surge a partir do momento em que existe esse algo a mais, isto é, quando o indivíduo busca solucionar uma questão que a sua própria inteligência coloca, e que se ele não o fizer ninguém à sua volta notará. É uma espécie de consciência a mais que ele tem, de um dever para com os fins da cultura, da sociedade, da existência humana, tal como este indivíduo os interpreta. É algo que ultrapassa o interesse pessoal ou o papel social.

O sujeito que cumpre o seu dever, como outro cumpriria no lugar dele, está meramente atendendo a um papel social. Ele não precisa sequer julgar esse papel, porque se assim proceder já entra na camada 8. A partir daí, existe um ponto onde o indivíduo pode dar uma contribuição pessoal a algo que o transcende.

Quando o indivíduo desenvolve uma personalidade intelectual e passa a agir em função dela, todos os que estão abaixo dele não conseguem compreender que a motivação, neste caso, é decorrente de uma necessidade interna, que extrapola o papel social, o interesse financeiro e o desejo de auto-afirmação.

Podemos explicar as ações de um sujeito em função das camadas 4, 5 ou 6, mas existem pessoas cuja comportamento escapa ao comum. De modo contrário, podemos também atribuir ao sujeito motivações complexas quando ele está simplesmente procurando atender necessidades infantis.

A tendência dominante é optar por interpretações depreciativas, porque à medida que a informação se difunde, é de se supor que um número cada vez maior de pessoas pouco educadas utilizem os meios de expressão que antes ficavam restritos a pessoas de nível mais elevado. Atualmente não é preciso ascender até o nível de intelectualidade suficiente para se

exercer uma profissão, o que provocou o surgimento do que podemos chamar de proletariado intelectual.

A difusão da cultura é bastante dúbia: por um lado possibilita que indivíduos adequadamente dotados, mas que não dispõem de recursos materiais, dela se beneficiem, embora, por outro lado, permita que os indivíduos sem nenhum talento se dediquem a atividades intelectuais.

O ideal seria uma escolha rigorosa, tal como se fazia no antigo sistema do letrado chinês. O acesso ao ofício de letrado na China era independente da classe social, baseando-se apenas na capacidade individual. Hoje em dia, para eliminar o princípio injusto da seleção econômica, criou-se a falsa expectativa de que todos, sem distinção, podem se tornar intelectuais ou cientistas.

CAMADA 10

Eu transcendental

Camada Divisiva. Kant, Husserl, Berdiaeff, Gusdorf, Caruso. Eu transcendental, responsabilidade moral, livre-arbítrio, etc.

O problema da personalidade moral só se coloca a partir do momento e que o sujeito tem uma personalidade. intelectual, pois é a personalidade intelectual que vai destacar no indivíduo a idéia do valor universal como algo que existe para nós. Sem isso, como poderíamos julgar moralmente nossos atos? Abaixo de um certo nível de integração da personalidade que permita a eclosão dessa personalidade intelectual superior, a rigor podemos dizer que os atos do sujeito são moralmente irrelevantes - isto no sentido da moral kantiana, não da moral social, pois seus atos têm influência sobre os outros.

O problema moral de que falamos surge quando, concebendo que existem valores universais em si, que lhe cabe realizar, o indivíduo se recusa a fazê-lo. Mas como exigir isso daquele que não tem uma síntese individual formada, de um indivíduo que ainda está se desenvolvendo dentro da mentalidade coletiva e que, quando erra, erra junto com os outros?

A décima camada significa o indivíduo que concebe a si mesmo como representante da espécie humana, como ser dotado de autoconsciência e responsável por todos os seus atos. É, em suma, o "eu transcendental".

Na camada 10 o indivíduo observa-se de um ponto de vista tal que qualquer outro ser humano, no seu lugar, teria a obrigação de se encarar daquela forma. Aí está o homem perante a razão, perante suas faculdades superiores, detentor da capacidade de avaliar a racionalidade dos seus atos em termos absolutos.

Sócrates, ao discutir, sabia que as condições de veracidade que existiam para ele eram iguais as que existiriam para qualquer outra pessoa, porque o pensamento dele expressava a autoconsciência da sua própria universalidade.

A camada 10 representa a conquista de um papel definido dentro da hierarquia da humanidade. Estar nesta camada é estar permanentemente tendo consciência intelectual da universalidade de todos os atos. Consciência de que o animal racional, em geral, deve agir assim nesta ou naquela circunstância. Os atos adquirem, então, uma significação universal, embora não um alcance universal.

CAMADA 11

Personagem

Camada Integrativa. Dilthey, Weber, Waelon. Aqui já encontramos o indivíduo perante a História, a Civilização, a Humanidade.

Na medida em que tenha uma personalidade intelectual superior e um eu transcendente capaz de se sobrepor a toda a sua existência e julgá-la, no momento em que alcança este ponto, de poder julgar sua existência e seus atos como se estivesse acima de si, é que o sujeito presta satisfação de si perante o tribunal da Humanidade, da História.

O plano da universalidade, o pensar apodíctico são elementos de camada 10. Encontramos aí uma teoria universalmente válida, mas agir de maneira universal já é algo diferente. A próxima etapa seria julgar a totalidade da vida face às ações realizadas e às conseqüências delas para a humanidade.

Atingir uma certeza, com objetividade, ainda não atribui sentido histórico aos atos do indivíduo. É como se ter uma universalidade, porém, teórica.

A camada 11 representa a ação individual no conjunto da história. Não importa se as ações são grandes ou pequenas, pois o fundamental aqui é saber exatamente onde o indivíduo está situado, não apenas enquanto animal racional, mas dentro da História como um todo, dentro do processo de evolução da espécie humana.

Quando o indivíduo conquista um papel histórico, sua ação é julgada pela Humanidade, alcançando então uma dimensão global.

O protótipo da camada 11 é a figura de Napoleão Bonaparte. Ele pretendia descobrir até onde seria possível chegar o poder de um indivíduo a ponto de mudar o curso da História. Se formos estudar sua biografia não o compreenderemos procurando explicá-lo segundo motivos de camadas anteriores.

Quando se age em função de fins históricos, age-se em função de algo que não existe ainda, o que implica que essa ação não pode ser avaliada nem pelo seu conteúdo social nem pelo seu proveito prático, porque está acima disto. Somente encontraremos a chave do comportamento se subirmos mais alto. Aí sim, os atos se unificam e adquirem uma forma completa.

Napoleão não tinha nenhum plano determinado para executar e este é o seu traço característico: a absoluta inexistência de um espírito de missão. O que ele possuía era um espírito de tentativa que o levou a experimentar a liberdade humana e a força do indivíduo até onde lhe foi permitido. Napoleão buscou direcionar isso no sentido do bem, tal como ele o entendia.

Não cabe definir Napoleão nos termos de um simples desejo de poder, o que em inúmeros casos é um dado irrelevante face à História. No entanto, alguns personagens deixam uma marca e os que sabem qual é essa marca, e qual o julgamento que a História fará deles, atingem a camada 11.

Napoleão tinha consciência de haver alterado a História de modo indelével, o que raros homens conseguiram. Isso não é decorrência da quantidade de poder acumulado, que posteriormente pode ser apagado ou revertido. Pode inclusive ocorrer um engano trágico, quando os efeitos das ações se tornam exatamente o contrário do imaginado.

Na camada 11 o sujeito se posiciona como uma peça da História, que num momento específico, com certeza plena, realiza determinadas ações que vão modificar o rumo da coletividade humana.

Não há espaço para todos na camada 11. A própria natureza é hierárquica do início ao fim. Não há democracia natural, porque é evidente que as pessoas têm graus diferenciados de saúde ou de inteligência. O que realmente se constata é um processo seletivo, embora seja difícil admitir que existam indivíduos melhor dotados do que outros.

CAMADA 12

Destino final

Camada Divisiva. Psicologias místicas tradicionais; Paul Diel, Victor Frankl. Destino final: o indivíduo perante Deus; o sentido e o valor da vida, etc.

As psicologias místicas tratam fundamentalmente do sentido da vida do indivíduo, do indivíduo perante sua responsabilidade moral última, algo que está acima do personagem, algo que a Humanidade mesma não sabe. É fundamentalmente o indivíduo como Homem Universal, como Cristo, como pastor e responsável pela humanidade inteira.

A camada 12 consiste na ação do indivíduo em função do propósito último de todas as coisas. Para Gandhi - que é um protótipo da camada 12 - somente interessa a relação dele com uma finalidade que transcende a vida biológica e a vida da espécie humana. Quando ambas acabassem, sobraria Deus, e é esperando por esse momento que se norteia a sua ação.

No caso de Gandhi, nem mesmo o objetivo político explica o seu comportamento, pois ele não aceitava a independência da Índia em quaisquer termos, colocando exigências morais muito acima do que os seres humanos costumam imaginar. Gandhi agia exatamente ao contrário do raciocínio político, apelando para o centro da questão e oferecendo como garantia não apenas sua própria vida, mas seu destino "post-mortem". Na camada 12 todas as ações são pautadas pela seguinte regra: "o que Deus vai achar disto?" Tal é o sujeito que, de acordo com a Bíblia, caminha diante de Deus e sabe o que Ele está pensando. Normalmente, mesmo uma pessoa excepcional não submete todos os atos a esse critério. O confronto com Deus pressupõe que o homem seja capaz de conceber cada ato seu sob um prisma eterno.

Se temos uma decisão a tomar, podemos fazer isso ou aquilo por razões de camada 5 - isto me fortalece, eu me sinto mais autoconfiante; de camada 6 - vai dar resultado; de camada 7 - é um dever que me compete; de camada 8 - isto tem lógica dentro da minha biografia; de camada 9 - é isso o que o dever da inteligência impõe. Até a camada 9 está presumida a existência do mundo, pois que sentido faria agir segundo um proveito prático se tudo fosse acabar amanhã?

O atendimento do dever referente a um papel social pressupõe a existência de pessoas que tenham uma expectativa em relação ao ocupante desse papel. Agir em função da coerência da própria biografia, pressupõe que esta deva continuar. Agir visando objetivos ditados pela cultura, pela inteligência, pressupõe que hajam fins realizáveis dentro do prazo de uma existência histórica. Porém, se o indivíduo age exclusivamente em função de um final, ele está agindo precisamente em função da inexistência de um mundo em torno. Com ou sem mundo, ele agiria da mesma maneira. Os atos adquirem então um significado supratemporal, supra-histórico, ou seja, eternamente o homem deveria agir assim, antes de existir o mundo ou quando este deixar de existir. Aqui a ação é tida como a expressão direta de uma qualidade divina que prescinde da existência do mundo.

Qualquer pessoa que crê em Deus eventualmente procede inspirada no eterno, muito embora seja difícil compreender alguém que age assim permanentemente, tal como Gandhi, para quem devemos usar uma outra chave de comportamento. É como se ele soubesse o que

Deus quer, como se conversasse com Deus o tempo todo. Um homem santo realizado age em função do sentido eterno da existência, não tem outro motivo, sequer a História.

Na camada 12 as ações do indivíduo parecem por demais complexas e enigmáticas. Para se entender as ações de um santo só acreditando nele. Aí então tudo se encaixa, começamos a perceber uma coerência, um princípio explicativo das ações. Isso ocorre independentemente de motivações vocacionais que tenham surgido no curso da biografia, relativas às camadas anteriores, que podem ter contribuído para colocar o sujeito numa determinada via, mas não bastam para esclarecer o desenrolar da sua história.

Podemos falar de santidade apenas quando a relação do indivíduo com um Deus eterno é que motiva cada um dos seus atos. Não somente atos acidentais, mas todos, um por um, não existindo um único ato que se possa explicar fora desse diálogo. Com quem o sujeito conversa, a quem ele responde? Se apagarmos essa conexão, a vida dele se torna uma coleção de atos sem sentido. Existem indivíduos que já nascem na camada 12, tanto que ao passarem pelas que a antecedem elas vão sendo absorvidas rapidamente.

CRITÉRIOS DE RECONHECIMENTO

As camadas fluem sucessivamente na medida em que o sujeito evolui, absorvendo os elementos contidos na camada anterior e os direcionando segundo um outro princípio unificador, que lhe indica uma nova fonte de motivações, ou seja, uma nova chave de explicação dos atos. Por exemplo, a defesa, preservação, aquisição ou abandono de um papel social implica motivações diferentes daquelas que saem das camadas que antecedem a sétima.

Não se saltam camadas nunca, mas pode ocorrer a pseudo-passagem de uma camada à outra, quando o indivíduo já está ocupado de assuntos da camada seguinte, mas o motivo de sofrimento dele ainda se reporta à camada anterior. Não houve portanto uma conquista efetiva, mas apenas uma falsa extensão, porque a chave do comportamento não mudou. Todo indivíduo só sai de uma camada quando esta deixa de ser problema, ou seja, quando ele enfrenta um problema pior e o seu sofrimento passa a ter outro motivo. Isso não pode ser avaliado externamente, apenas o próprio sujeito é quem sabe, ou então quem o observa por um longo tempo.

O desajuste de motivação fica claro quando, numa camada, continuamos agindo conforme motivos pertinentes às camadas anteriores. Seria o mencionado caso de um sujeito exercer um papel social, que representa a sétima camada, de acordo com sua economia orgânica exclusivamente, que é um motivo da sexta camada. Dessa maneira, ele não tem papel social nenhum ou está no papel errado.

Não existe regressão de camada, a não ser em casos patológicos, como demência senil, lesão cerebral, etc. Se o sujeito regride é porque, na verdade, nunca esteve naquela camada. Trata-se de uma pseudo-ocupação de camada, o envolvimento com assuntos da camada seguinte, quando a chave do comportamento encontra-se na camada anterior. É uma performática, uma inflação: o indivíduo inchou, mas não ocupou realmente o espaço. Ele é como um balão vazio.

É importante perceber que para um indivíduo situado numa determinada camada, as motivações das camadas seguintes parecem abstratas e inverossímeis. Como é que uma criança, que se esforça para atrair a atenção, o carinho do pai e da mãe, poderia imaginar que alguém desejasse o contrário, ou seja, ficar sozinho, abandonar pai e mãe? Uma criança sabe que o adolescente tem algo que ela não tem, mas não sabe direito o que é. Do mesmo modo, o indivíduo que está se colocando em teste e que precisa aferir o próprio valor, a extensão do

seu poder, não pode conceber que alguém se dedique a algo sem nenhum interesse por uma recompensa subjetiva.

Só nos é possível compreender quem está na mesma camada que nós ou nas inferiores. Os outros, seria melhor não tentar explicá-los. Nas camadas superiores as motivações do sujeito são muito complexas, pois ele está vivendo num plano onde aquilo que para nós é decisivo, para ele simplesmente não existe. O indivíduo cuja personalidade ainda está se definindo segundo o molde do papel social, dificilmente poderá entender as preocupações de ordem puramente pessoal de quem revê a própria vida, questionando inclusive o trabalho, o papel social, etc.

Para sabermos em que camada um indivíduo está, devemos detectar o motivo real do sofrimento dele, o que de fato representa problema para ele. Em qualquer etapa, podemos nos deparar com um bloqueio ou mesmo com a impossibilidade de transpor uma camada para alcançar a seguinte. Cada camada expressa um princípio de organização da vida por inteiro, absorvendo os elementos contidos na camada anterior e dando-lhe uma nova forma e uma nova direção.

A pergunta decisiva é: *onde dói?* Dói na camada onde se está. Aqui nos referimos ao sofrimento psicológico. No entanto, pode ocorrer um sofrimento objetivo, como no caso do indivíduo sofrer um estreitamento do seu espaço vital desde fora. Numa sociedade que não admita a liberdade de expressão, esse estreitamento é externo e fará o indivíduo sofrer em função de uma exigência legítima de sua camada 5, mesmo que esteja na décima camada.

Podemos sofrer em qualquer camada, até nas mais inferiores, sem que estejamos vinculados a elas. Tudo depende de verificar se existe um impedimento externo real. Para um homem de quarenta anos sofrer na camada 5, embora esteja na 7 ou na 8, só é possível se for um sofrimento muito grave, porque normalmente se não podemos ampliar o espaço vital para um lado, ampliamos para o outro.

Aquilo que se quer fazer, mas não é objetivamente viável, representa um conflito com o mundo, e isto não é psicológico. Quando o indivíduo não é reconhecido no papel social que desempenha, isto é um motivo de sofrimento, mas não de causa psicológica.

Pode também acontecer uma privação externa de necessidades elementares. Uma pessoa excepcionalmente odiada sofrerá na camada 4, mesmo sem nela estar. O sujeito que trabalha e não ganha o suficiente sofre uma privação de meios, e isto é assunto de camada 6. Em ambos os casos, a modificação da situação externa resolveria o problema. Quando o sujeito revela alguma inibição (camada 5), como vergonha ou medo, isto provém dele próprio, o que é diferente do impedimento externo. Em contrapartida, existem pessoas que nunca encontram chance de mostrar o que podem, ainda que saibam fazer o suficiente na profissão que escolheram. Isso não é uma incapacidade interna, e sim mera falta de oportunidade.

Apesar de existirem casos de limitações externas concretas, na quase totalidade das situações o que se constata são impedimentos internos que o indivíduo não consegue superar. A carência afetiva, por exemplo, geralmente é uma carência internalizada que vem de uma outra época. O sujeito, entretanto, continua agindo com referência ao passado, embora não haja mais, de fato, aquela necessidade e portanto não adianta tentar satisfazê-la retroativamente. É justamente para isso que servem as psicoterapias, as quais simulam uma situação em que pseudo-necessidades serão pseudo-atendidas.

A necessidade de expressar uma agressividade de vinte anos atrás, para uma pessoa que não está mais presente, não pode ser aceita como uma necessidade efetiva; ela é meramente simbólica. É preciso, então, montar um psicodrama, um teatro que atenda a imaginação. Isto

não pode ser feito no cotidiano, se bem que freqüentemente possamos observar pessoas se comportando em geral como se estivessem numa situação de psicoterapia.

Como a psicologia foi criada para suprir necessidades simbólicas, ela é a única solução para quem fica retido na camada 4. Já na camada 5, é possível tirar dúvidas relativas ao poder pessoal reconstituindo uma circunstância, mesmo que tenha transcorrido muito tempo.

A diferença entre camada da personalidade e casa astrológica é esta: o sujeito vivencia os assuntos de várias casas, mas está localizado numa só camada determinada. Por exemplo, um sujeito pode estar na camada 4, mas preocupado em ganhar dinheiro, em definir uma profissão, etc.